

pítulo tercero, el autor puntualiza los conceptos historiográficos de “descubrimiento” y “conquista”, citando, entre otros autores a Juan Gil, Pierre Chaunu, Ruggiero Romano, Lyle N. McAlister y Robert Ricard, así como a Hernán Cortés y las crónicas españolas y novohispanas. El autor presenta los casos de los primeros exploradores italianos de las Indias occidentales, Juan Siciliano, el artillero Arnega y Francisco Rojo, quienes llegaron a México, así como los de Jerónimo Bacarel y Sebastián Castro, que se asentaron en Perú. Asimismo son estudiados los franciscanos y los jesuitas evangelizadores de Nueva España (pp. 199-279). En el capítulo cuarto, se indaga sobre los delatores de la Inquisición en México y los enjuiciados italianos (pp. 280-327). Y en el quinto se presenta el caso paradigmático del científico palermitano José Bono y de su campana submarina (pp. 328-346). Finalmente, la investigación de Ciaramitaro concluye con un sugerente apéndice documental y dos índices, el onomástico y el de las ilustraciones.

El volumen monográfico de Fernando Ciaramitaro alcanza el objetivo planteado en el preámbulo. Su investigación llena el vacío que había en la literatura histórica en materia de emigración en el Antiguo Régimen, aun cuando lo hace sólo parcialmente. El texto además confirma, con evidencia fáctica la existencia de un “pasaje” a España y a las Indias occidentales de un sinnúmero de valientes italianos desconocidos. Considero, finalmente, que la lectura del libro en cuestión puede avivar el interés de los estudiosos sobre el tema y ser de provecho para las investigaciones futuras.

Guillermina DEL VALLE PAVÓN
Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora

DUVERGER, Christian: *Cortés et son double: enquête sur une mystification*. Paris. 2013. Seuil. 320 pp.

As águas calmas da historiografia sobre América não tem sido as mesmas desde a publicação na França pela editora Seuil do livro *Cortés et son double – enquête sur une mystification*, escrito pelo antropólogo e historiador francês Christian Duverger⁴. O motivo do alvoroço tem origem nas primeiras linhas do trabalho que questiona ser o soldado Bernal Díaz del Castillo o autor da *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*, obra mestra da história da conquista espanhola do México no século XVI. Duverger atribui ao próprio Hernán Cortés a paternidade de tal *Historia* no momento em que este é impedido pela coroa de escrever e publicar suas memórias.

A partir de uma pesquisa minuciosa sobre a vida de Cortés, na qual buscava dados para compor *Cortés: la biografía más reveladora* (Taurus, 2005), Duverger se depa-rou com um vazio de informações a respeito dos anos finais (maio de 1543 a abril de 1546) que o conquistador passou em Valladolid. A ausência de qualquer notícia sobre

⁴ O presente estudo também foi publicado sob o título *Crónica de la eternidad. ¿Quién escribió la Historia verdadera de la conquista de Nueva España?*. México. 2012. Taurus.

Cortés durante esses três anos, não registrados em nenhuma crônica da época, levou à dedução de que neste período ele estaria isolado, envolvido com a escrita de suas próprias memórias. Esta versão dos fatos seria a *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*, em que Cortés reivindica a paternidade da conquista pela fala de um personagem anônimo.

Como essa *Historia* atravessou o Atlântico e foi atribuída ao conhecido Bernal Díaz del Castillo é o que Duverger nos conta nas 310 páginas, distribuídas em duas partes (*Os contornos de um enigma* e *A resolução de um mistério*) que tardaram dez anos para ser escritas.

Na primeira parte do livro, Duverger nos apresenta o retrato de Bernal Díaz del Castillo construído ao longo dos séculos por historiadores e biógrafos que estiveram envolvidos com os fatos da vida desse personagem. A imagem que temos é a de um soldado comum, que serviu Cortés durante todos os anos em que perdurou a conquista do México e que decidiu *tomar la pluma* para corrigir os muitos enganos contidos na história de Francisco López de Gómara.

Por anos, historiadores e pesquisadores compartilham essa imagem do soldado-cronista, iletrado e que reivindica seu testemunho pessoal como primeiro recurso para a escrita. O livro de Duverger toca e perturba justamente nesse ponto, ao apresentar um novo Bernal Díaz sem vínculos com o tão estimado capitão Cortés, inconsciente do valor e importância que sua suposta obra alcançaria e, o que é mais intrigante, que não sabia ler e nem escrever, fato que inviabilizaria a sua condição de autor. O que vemos na obra *Cortés et son double* é, portanto, a desconstrução de um mito criado por diversos autores que leram e releeram a *Historia verdadera* e que, lentamente, foram moldando a imagem desse personagem chave da história da conquista.

De acordo com as investigações de Duverger, os documentos da época apontam novos fatos da vida de Bernal Díaz que tem sido ignorados pelos historiadores. O primeiro ponto contestado é que Bernal Díaz declarou ter terminado sua crônica em 26 de fevereiro de 1568, em Santiago de Guatemala, sede da Real Audiência. Para o autor, nesse período a Real Audiência estava fixada no Panamá e não em Guatemala, como afirmou o soldado. E se ele anuncia que pôs fim à redação da *Historia verdadera* em 1568, Duverger desconfia da extraordinária memória e habilidade de um senhor que estaria com 84 anos no momento em que escrevia a sua obra.

Percorrendo as pistas e relacionando um fato a outro, nosso autor ainda questiona a presença de Bernal Díaz entre os membros participantes da conquista, já que seu nome não aparece em nenhuma lista ou relação de soldados envolvidos em tal evento, nem nos registros correspondentes às operações em Honduras, onde ele afirma ter passado, e tampouco nas cinco *Cartas de Relación* escritas por Cortés. Na verdade, Duverger encontra um Bernal Díaz documentado somente em 1539 e um Bernal Díaz del Castillo depois de 1552.

Por essa série de questionamentos propostos, o livro de Duverger tem incomodado certo grupo de historiadores que discordam das suposições levantadas pela referida tese. Guillermo Serés, catedrático da Universidad Autónoma de Barcelona, discute em seu artigo *El verdadero autor de la 'Historia verdadera'* (El País - 21/02/2013) o problema relacionado à data e local em que tal obra foi escrita. Para ele, Duverger desconsidera que a Real Audiência esteve temporariamente no Panamá e que regressa

a Santiago de Guatemala em 15 de janeiro de 1568, de modo que não há incongruência quanto ao ano e a localidade indicados por Bernal Díaz no momento em que terminou a escrita de sua história.

Da mesma forma, mostra que o soldado não escreveu a *Historia verdadera* de forma contínua até encerrá-la em 1568, data em que estaria com uma idade avançada para cumprir tal ofício. Segundo Serés, a obra foi composta por etapas tendo início nas cartas enviadas ao rei para pedidos de recompensas, em 1552 e em 1558, e complementada com um memorial de guerras que depois foi anexado à crônica. Com base nessas ideias, o conhecido historiador Miguel León-Portilla se remete à observação de Serés e escreve, em artigo publicado pela revista mexicana Nexus (01/04/2013), que o livro apresenta uma fantasia excessiva por não sustentar nenhuma evidência sobre o que diz.

O que parece ser um conjunto de autores reproduzindo opiniões similares a respeito do livro *Cortés et son double*, já que as críticas seguem a mesma linha argumentativa, é talvez a reação natural de uma historiografia ainda presa a certas figuras históricas intocáveis e que insiste em buscar uma verdade nos documentos. Uma leitura mais interessante percorreria os caminhos indicados por Duverger questionando em que medida a trama montada por Cortés para escrever uma segunda versão da conquista, já que a primeira aparece nas cinco *Cartas de Relación*, corresponde a uma atitude do homem do XVI. Seria mesmo possível que Cortés ou qualquer outra figura da época fosse tão meticuloso para compor uma história assinada por um soldado inventado com o intuito de ser lembrado pela posteridade? Até que ponto toda essa intriga construída por Cortés –a escrita oculta e a criação de um personagem– não seria absurda para esse contexto?

Nesse jogo de quebra-cabeça, aparece a figura de Francisco López de Gómara, principal desafeto do soldado e nome recorrente nas páginas da *Historia verdadera*. A primeira questão que nosso autor se apegua é como Bernal Díaz, vivendo em Guatemala, poderia ter acesso à *Historia de la conquista de México* escrita por Gómara. Sendo esta obra publicada em 1552 e proibida por cédula real em 1553, como foi possível sua leitura? Duverger nos lembra da raridade dos livros impressos no século XVI e da pouca circulação que alcançavam; em se tratando de um exemplar censurado, o traslado até as Índias era ainda mais improvável. O que nosso autor conclui é que Bernal Díaz não teve conhecimento do conteúdo de tal crônica porque não pôde ler a versão de 1553, alguns anos antes de terminar a sua obra.

Nessa linha, Duverger ainda questiona como um soldado raso, que enfatiza por diversas vezes a condição inculta, poderia citar passagens, trechos e exemplos tirados de livros clássicos, antigos e raros, muitas vezes escritos em outras línguas que não o castelhano? No contexto da Espanha quinhentista, o acesso a esse tipo de cultura era improvável para soldados, marinheiros e toda classe de participantes da camada baixa da conquista. A aparência modesta e rústica do soldado seria, então, uma farsa utilizada por Cortés, o autor da *Historia verdadera*, para caracterizar seu personagem anônimo.

Ao analisar a publicação das *Cartas de Relación* escritas nos anos em que ocorreu a conquista do México, de 1519 a 1521, e a seguinte censura real que recolheu os exemplares existentes e suspendeu a reprodução da última carta, o autor acredita que

o conquistador era um autor proibido na Espanha quinhentista. A tese que sustenta é que como Cortés estava impedido de escrever e transmitir ao mundo a paternidade da conquista, receoso de que seus feitos se tornassem segredo de gabinete, decidiu recrutar o clérigo humanista Francisco López de Gómara para produzir uma história oficial, que seria a *Historia de la conquista de Mexico*, publicada em 1552 e censurada em 1553. Segundo Duverger, no momento em que Gómara se ocupava da escrita, Cortés cria um duplo e passa a escrever a *Historia verdadera* como se fosse um soldado anônimo, participante da conquista, que manifesta reclame e insatisfação por não ser reconhecido pelos serviços prestados. A tentativa de Cortés seria, desse modo, elaborar uma contra história, uma história que se desviasse da versão oficial dos fatos requerida por Gómara, daí a figura inventada de um soldado que usa seu testemunho próprio para reivindicar a validade de seu relato como mais verdadeiro. Prosseguindo com a análise, parece que em 1546 (um ano antes de sua morte), Cortés termina a escrita do manuscrito. Mas somente em 1566, seus filhos o resgatam com a intenção de utilizá-lo na busca por legitimação das *encomiendas* herdadas. Tal tentativa fracassa e o referido texto, que já estava em Guatemala, chega misteriosamente às mãos de Bernal Díaz. Com o mesmo pretexto que os filhos de Cortés, Francisco Díaz del Castillo apropria-se do manuscrito para atestar a posse das terras recebidas por seu pai. Para tanto, insere uma página a mais ao texto –a apresentação da obra, a data da escrita e a participação como soldado– tornando Bernal Díaz o autor da *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*.

Na parte final da sua investigação, Duverger mostra a trajetória do manuscrito enviado ao rei Felipe II, em 1575, sem o nome de Bernal Díaz na capa e que ainda tardará em torno de um ano para ser aceito. Ao que parece, somente em 1585 o silêncio se quebra e Bernal Díaz aparece na lista de historiadores elaborada por Alonso de Zorita, cronista oficial das Índias. Outras menções ao soldado aparecem na *Historia de Tlaxcala* de Diego Muñoz Camargo, editada somente em 1892, e no texto de Antonio de Herrera, publicado em Madrid no ano de 1601. Há outras três citações na obra de Francisco de Torquemada em 1615, e quatro nos *Anales de Aragón* do eclesiástico Bartolomé Leonardo de Argensola. A edificação do mito prossegue e Bernal Díaz, o soldado-cronista, figura como uma referência importante no século XVII.

Um novo capítulo da história da conquista espanhola envolvendo Bernal Díaz e Hernán Cortés é escrito pelo livro de Duverger. Ao apresentar uma narrativa com teor investigativo, nosso autor destaca questões importantes para os estudos da área, como a possibilidade de enxergar em Cortés um escritor de melhor qualidade, preocupado com a conservação dos fatos da conquista e com a memória pessoal que deveria ser assegurada por um suposto soldado anônimo diante de sua impossibilidade de escrever.

Talvez, um dos grandes méritos do livro seja justamente mostrar essa outra face de Cortés e abrir a possibilidade para estudos mais avançados sobre o exercício da escrita realizada nesse momento. A academia de Valladolid, criada por Cortés com o propósito de reunir em sua casa um grupo de letrados para debater textos antigos e filosóficos, parece ser um dos caminhos indicados por Duverger nas pesquisas que seguem interessadas nessa nova imagem do conquistador.

A tese lançada pelo presente livro sobre a autoria da *Historia verdadera*, ponto alto da análise, deve contribuir, no entanto, para os historiadores perceberem que independente de quem assinou, se Bernal Díaz ou Cortés, a obra vale por colocar em questão o sentido da história e a construção da posteridade, ao reivindicar a memória coletiva dos soldados espanhóis e, sobretudo, destacar as ações ilustres que esses homens desempenharam na conquista e quiseram ser lembrados por isso.

Maria Emília GRANDUQUE JOSÉ
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Mita, caciques y mitayos: Gabriel Fernández Guarache. Memoriales en defensa de los indios y debate sobre la mita de Potosí (1643-1663). Estudios de Roberto CHOQUE CANQUI y LUÍS Miguel GLAVE TESTINO. Versión paleográfica, Roberto Choque Canqui. Sucre. 2012. Fundación Cultural del Banco Central de Bolivia, ABNB. 222 pp.

Aunque la evolución de la mita en Potosí haya sido un tema ampliamente trabajado en la historiografía colonial andina, la gran envergadura y trascendencia de su desarrollo ha provocado que aún queden numerosos flecos que precisen ser estudiados para comprender este fenómeno en todas sus dimensiones. Esta obra es, sin lugar a duda, una herramienta de primer orden para poder seguir desvelando los matices que subyacen tras la inmensidad de este sistema de explotación minero que se extendió por más de 200 años.

El propósito de la obra es claro: dar a conocer las discusiones creadas en torno a la viabilidad del funcionamiento de la mita potosina tal y como estaba concebido en la década de 1660 a través de la voz de uno de sus principales protagonistas y figura clave en su desarrollo, Gabriel Fernández Guarache. Como cacique y gobernador del pueblo de Jesús de Machaca y Capitán General de la Mita de los 12 pueblos de la provincia de Pacajes en 11 ocasiones, Fernández Guarache fue uno de los caciques más importantes de su tiempo, no sólo por ocupar dicho cargo durante varias décadas ni por la riqueza que consiguió acumular durante esos años, sino por el poder y la importancia que entrañaba su persona en el entramado económico virreinal. Su actitud crítica y sus reiteradas quejas acerca de la obsolescencia de la mita de Potosí, generaron una gran cantidad de información documental, que gracias al trabajo de compilación, reproducción y análisis de los autores de esta obra, se hace más accesible a los investigadores y al público en general.

El libro está estructurado en dos partes claramente diferenciadas. La primera de ellas –y verdadero *leitmotiv* de la obra–, es la transcripción paleográfica del documento titulado *Peticiones presentadas por don Gabriel Fernández Guarache...*⁵ tam-

⁵ *Peticiones presentadas por don Gabriel Fernández Guarache gobernador y cacique principal del pueblo de Jesús de Machaca por sí y por los demás caciques, hilacatas y enteradores de la provincia de Pacajes. Respuesta a ellas dadas por los diputados del gremio de azogueros de la villa de Potosí. Replicato y segunda*